

"O DIABO" - 3.7.84

Ao contrário

JAIME NOGUEIRA PINTO

Na hora da mudança

AS notícias que nos vão chegando, quer de Angola, quer de Moçambique, desde as narrativas pessoais dos que ali vão em trabalho, até à leitura «ao contrário» da imprensa oficial, desde os comunicados dos guerrilheiros aos artigos que vão aparecendo nos jornais europeus e norte-americanos, comprovam, cada vez mais, a fragilidade dos governos do MPLA e da Frelimo, enfrentados com movimentos de guerrilha poderosos e que parecem mexer-se à vontade em todo o território — em Moçambique actuam às portas da capital e em Angola, só a prudência de Savimbi e o «medo à vitória» dos ocidentais parecem ainda poupar a capital.

Mas o descontentamento popular, provocado por dez anos de opressão, de terror policial, de ocupação estrangeira, de corrupção e ineficácia económicas, de destruição maciça das infraestruturas do aparelho produtivo e do tecido social sacrificados a enormidades ideológicas e experiências socialistas, é o maior aliado dos guerrilheiros e o pior inimigo dos governos. A fome, as epidemias, todo o catálogo dos flagelos tradicionais, agravados pelas consequências de uma guerra impiedosa em que a popula-

ção é a carne de canhão e o bode expiatório, abateram-se sobre os Povos de Angola e Moçambique. As descrições dos mais insuspeitos «progressistas», as fotografias assustadoras das agências internacionais de crianças esqueleticas e moribundas, as peças do processo de acusação acumulam-se contra os responsáveis. Governar o próprio Povo, como seu capataz e carrasco ao serviço de interesses ideológicos e económicos do estrangeiro pode sair muito caro no dia do ajuste de contas. E as consciências carregadas de crimes dos dirigentes, obrigam-nos a prosseguir a guerra, para não prestarem contas; do mesmo modo que a nossa política caseira prossegue a pilhagem e o desbarato, porque não pode parar...

É natural que nos próximos meses algo de muito importante se passe em Angola e Moçambique. As atitudes desesperadas dos dirigentes mais radicais, as suas declarações arrogantes e suficientes, os *slogans* fanáticos da «certeza da vitória» já não escondem, nem dentro, nem fora, o verdadeiro estado das coisas. E se interesses obscuros multinacionais procuram pescar nas águas turvas, parece difícil que possam parar muito tempo as consequências da difícil situação militar dos governamentais.

CREMOS pois, estar em vésperas de mudança que, também para Portugal, poderia ter vantagens se houvesse, entre nós, Estado, isto é, uma organização do poder e da vontade nacionais; e não um aparelho inchado, bloqueado, dividido, por feudos e hierarquias paralelas.

A lógica implacável dos acontecimentos parece encaminhar o desfecho do amanhã. Quer através de soluções negociadas, que querem impor os poderes ocidentais tão desabituaados à vitória, que lhe ganharam medo e, quando ela se aproxima, lhe fogem, para confirmar um pequeno ganho já obtido, quer pela continuidade da luta armada se a tal conduzir a teimosia dos dirigentes locais, atingiu-se um *no return point*, depois do qual nada vai ser igual.

Tendo por fundo estes dados cabe, a partir deles, preparar uma estratégia nacional, realista e eficaz, para que, da mudança e das possibilidades que venha a abrir, também Portugal e os Portugueses possam ganhar algo. Mas para tal, antes de mais são necessários vontade política e Estado. Sem eles todas as hipóteses, grandes ou pequenas, próximas ou distantes, passarão longe de nós.